

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XX Jornada de Pesquisa

## **CONSCIÊNCIA AMBIENTAL: O OLHAR DOS FILHOS DE PRODUTORES RURAIS E DOS DISCENTES DE CURSOS VINCULADOS ÀS ATIVIDADES RURAIS<sup>1</sup>**

**Carlisa Smoktunowicz Toebe<sup>2</sup>, Denize Gryzbovski<sup>3</sup>, Tandara Dias Gonçalves<sup>4</sup>, Caroline Maria Toebe Alves<sup>5</sup>.**

<sup>1</sup> Pesquisa Institucional desenvolvida no Mestrado em Desenvolvimento, pertencente ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Organizações, Gestão e Aprendizagem (GEPOG)

<sup>2</sup> Aluna no Curso de Mestrado em Desenvolvimento da Unijuí, carlisa.toebe@sertao.ifrs.edu.br, professora do IFRS-Campus Sertão

<sup>3</sup> Professora Doutora do Mestrado em Desenvolvimento, Orientador, gdenize@upf.br.

<sup>4</sup> ALUNA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO DA UNIJUI

<sup>5</sup> MESTRE EM DESENVOLVIMENTO PELA UNIJUI

### Introdução

O presente artigo versa sobre consciência ambiental, que refere-se ao trato racional dos recursos naturais, da mobilização da sociedade para o desenvolvimento sustentável (SOARES et al., 2004; SACHS, 2009), inserindo a temática numa dimensão que contempla o processo cognitivo sujeito-natureza e a perspectiva transdisciplinar. O produtor rural e seus filhos, muitos deles discentes de cursos vinculados às atividades rurais, são atores sociais relevante na compreensão do conceito de consciência ambiental. Consciência ambiental tem sido mais discutida no contexto do século XXI, em relação ao anterior, em razão da evidência de escassez de recursos naturais, impondo novos comportamentos à sociedade. Os produtores rurais têm recebido maior impacto das políticas públicas, em razão de ser uma classe de trabalhadores que realiza intervenção direta na ocupação da terra para o plantio e, por conseguinte, no uso racional da água e outros recursos naturais. A propriedade rural, o comportamento do produtor rural e o modelo de gestão dos recursos naturais no contexto brasileiro vêm sofrendo interposição de políticas públicas, provocando um olhar diferenciado no que diz respeito à proteção ambiental (FAGANELLO et al., 2006). No entanto, a consciência ambiental é um fenômeno social que independe de uma legislação preliminar que a estabeleça (TRIGUEIRO, 2005), pois tem como característica ser um sistema de comando e controle governamental de uma sociedade (NEUMANN et al., 2002; PEREIRA et al., 2007).

Conforme Souad et al. (2010), consciência ambiental refere-se às atitudes ambientais que são compostas de afeição, cognição e comportamento, aspectos esses essenciais para medir o grau de consciência ambiental em determinado grupo de atores sociais. Assim diferencia-se consciência de percepção ambiental. De acordo com Marim (2003) e Soaud et al. (2010), a consciência envolve reflexão da percepção que o sujeito tem do mundo.

Gonçalves-Dias et al. (2009) avaliaram a consciência ambiental dos acadêmicos de cursos de graduação em Administração, cujos projetos pedagógicos previam disciplinas ligadas ao meio ambiente durante o processo de formação do profissional. Os resultados indicaram que a maioria

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XX Jornada de Pesquisa

dos acadêmicos investigados era passivo diante das práticas ambientais que comprometiam a sustentabilidade ambiental.

Em outros contextos culturais, os resultados não se modificam, mas confirmam a necessidade de ações pontuais em todo período de formação dos jovens. Pacheco et al (2013), em pesquisa realizada na Costa Rica, constataram que os discentes que tiveram disciplinas específicas sobre meio ambiente, tornaram-se jovens preocupados com o uso racional dos recursos naturais e adotaram atitudes compostas por afeição, cognição em suas práticas, ou seja, foi uma forma efetiva de obter consciência ambiental. Tais resultados foram encontrados em outros estudos, como os de Djoundourian (2007), Freitas e Almeida (2010), Pacheco et al. (2013), Skoumios (2013). Na interpretação de Lima (2010), a “moral ecológica” do sujeito está presente na sociologia e as posturas ecológicas advêm da moral, portanto, existe uma personalidade moral ecológica, baseada na análise subjetiva da justiça e de princípios éticos universais.

A complexidade para o estudo da consciência ambiental também está presente nas diferentes perspectivas teóricas e metodológicas adotadas pelos pesquisadores. Contudo, o produtor rural é um dos atores raramente contemplado no estudos sobre o tema consciência ambiental. O objetivo deste trabalho é refletir acerca da capacidade crítica dos atores sociais sobre o tema consciência ambiental.

## Metodologia

Orientada por Chevarria et al. (2013), a presente pesquisa segue o paradigma interpretativista por se propor a observar “as formas como os indivíduos buscam compreender a realidade ao longo do tempo...”. Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, com delineamento de pesquisa de campo (GIL, 1989), a qual no percurso entre o dado e a análise do dado buscou-se construir de forma subjetiva a realidade dos sujeitos e as associações que estabelecem (MINAYO, 1994). Reconhece-se que o estudo sobre a consciência ambiental pode ser orientado por visões paradigmáticas distintas, pois ele configura-se como transdisciplinar, todavia, para a construção deste trabalho optou-se pela dimensão subjetiva e múltipla em conformidade com a visão dos participantes do estudo. Para tanto, a coleta de dados foi desenvolvida em duas fases.

Na Fase 1 participaram 104 discentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Rio Grande do Sul no Campus Sertão (IFRS – Campus Sertão), respondendo um questionário. A escolha desta Instituição deu-se pelo contexto, onde a maior parte dos seus cursos ofertados está vinculada às atividades rurais e a maioria de seus discentes é do meio rural. Assim, foram selecionados dois cursos: (a) Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio (apenas as turmas do 3º ano); (b) Curso Superior em Agronomia. Como critério de escolha definiu-se um curso de ensino médio e outro de curso superior.

Os respondentes são do gênero masculino (82,70%), faixa etária entre 14 e 29 anos, cursando Agronomia (21,20%) ou Técnico em Agropecuária (78,80%); 65,30% são filhos de produtores rurais, 9,60% são produtores rurais, 2,90% são técnicos em agropecuária e 22,10% não tem nenhuma relação e sempre viveu no meio urbano.

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XX Jornada de Pesquisa

Na Fase 2 participaram dois filhos de produtores rurais, os quais estão assumindo, por sucessão, a administração da propriedade rural, esta caracterizada como de economia familiar. A participação destes foi por meio de uma entrevista. A escolha da propriedade rural foi pelo método “bola de neve” na mesorregião Noroeste Rio-grandense.

O questionário, utilizado no processo de coleta de dados na Fase 1, continha questões estruturadas em dois blocos e que buscavam respostas discursivas, permitindo compreender a realidade dos sujeitos da pesquisa e sua a. O primeiro bloco contém quatro perguntas para definir o perfil do respondente. O segundo bloco é formado por cinco questões abertas para compreender os conteúdos sobre consciência ambiental e identificar as práticas aplicadas pelos produtores rurais. A tabulação dos dados foi manual, com respostas registradas em planilhas eletrônicas desenhadas no software Excel®, no formato de tabelas de dupla entrada.

A entrevista, utilizada no processo de coleta de dados na Fase 2, foi orientada por um roteiro que buscava compreender as práticas adotadas associadas ao conceito de consciência ambiental e as justificativas para adoção ou não. A análise dos dados foi orientada pelo método “análise de conteúdo” (BARDIN, 2009) e no processo analítico foram considerados os dados sociais construídos no processo de comunicação durante a coleta (BAUER; GASKELL, 2002).

## Resultados e Discussão

Os sujeitos participantes da pesquisa foram, inicialmente, instigados a elaborar um conceito sobre consciência ambiental. Percebe-se que embora os participantes já tiveram em seu currículo escolar e acadêmico disciplina de meio ambiente, não conseguiram elaborar um conceito próprio sobre tema, divagando entre temas como poluição, preservação, entre outros, e suas respostas se traduzem em não compreensão sobre o tema, tanto por um conceito equivocado ou por sua resposta fugir do tema; um número considerado de participantes não produziram quaisquer definição (Tabela 1).

Aqueles que conseguiram elaborar um conceito associaram consciência ambiental com sustentabilidade e evolução tecnológica, reconhecendo que a natureza apresenta limitações e de as práticas adotadas pelas pessoas não permite a sua regeneração na mesma velocidade em que usam-se os recursos, os quais são reconhecidos como finitos. Percebe-se que os fundamentos teóricos utilizados para elaboração de suas respostas foram transmitidos em diferentes disciplinas do currículo escolar dos discentes.

Quanto às práticas dos produtores rurais e que provocam danos ambientais, os respondentes indicaram as principais, sem descrevê-las, como foram questionados, as quais são apresentadas na Tabela 2.

Os dados evidenciam que práticas inadequadas estão ocorrendo no ambiente rural, mas com limitada compreensão do contexto. Ao mesmo tempo em que os respondentes afirmam que as práticas recursivas são aquelas associadas à aplicação de agrotóxicos (26,94%), consideram a poluição da água com menor ocorrência (8,38%). Na prática, no entanto, a aplicação dos agrotóxicos não contamina diretamente a água corrente, mas o solo e as fontes de água, tornando-a imprópria para o consumo humano.

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XX Jornada de Pesquisa

Os filhos dos produtores rurais, quando questionados sobre a aquisição e uso de agrotóxicos em suas propriedades rurais, consideravam como extremamente necessários para conquistar maior produtividade na lavoura.

Nas palavras do Entrevistado 1:

Não... isso aí é a critério de cada um. Tu compra o que tu acha que dá resultado, né? Não que eles [os vendedores] exiigem: coloca isso aí! É (silêncio) fica da tua escolha. Se tu acha que dá resultado, tu bota. Senão... Claro! Eles são vendedor (silêncio)! Querem que bota, mas daí vai de cada agricultor

Outro relato importante refere-se que o agrotóxico pode estar sendo vendido sem orientação quanto ao perigo do seu uso indiscriminado e sem preparo de seus vendedores:

Na verdade a gente tem bastante vendedor aqui, né! Não é... não é... técnico agrícola. Quem mais te orienta e... sem a condição de vendé é o pessoal da Emater, né! Se tu tiver alguma dúvida, alguma coisa, tu vai lá, eles te orientam mas eles não querem te vendé nada, então eles te dizem o certo. O vendedor... cada vendedor ... de uma empresa te apresenta um produto (interrompo “não é nem agrônomo, nem técnico agrícola?”) Eles são técnicos, mass... vendedores, eles ganham comissão, então quanto mais eles vende, melhor prá eles né! Às vezes, mesmo que não precise aplicar, eles vão te empurrar... oh, tu vai ter que aplica! Então tu tem que cuidá muito isso aí! (Entrevistado 2)

Do total dos respondentes, apenas cinco deles responderam que nunca viram nenhuma prática que causa dano ao meio ambiente. Este é um dado alarmante, tendo em vista que dados são revelados e discutidos nos dias atuais e em todo o meio de comunicação sobre a crise ambiental e até mesmo, métodos adequados a serem utilizados na agricultura e na agropecuária, tanto em matéria jurisdicional como em matéria ligada a cultivos e manejos alternativos. No entanto, percebe-se um grau elevado de alienação entre os sujeitos participantes da pesquisa.

Na entrevista aos filhos, embora reconhecerem a importância da legislação nota-se que os entrevistados ainda estão alienados quanto a algumas práticas que entendem como algo fora do conceito de preservação, mas que necessário para a produtividade da lavoura:

Eu não sei... assim ó... hã... tudo bem preservar, tem gente que... os bons pegam pelos ruins... tem gente que... (pensa antes) não pode ver uma árvore, não pode ver nada, tem que derrubá tudo, sabe... E isso... aí sim se aplicaria as multas, porque tá errado, o pessoal tem que aprendé a preservá! Aaa... agora tem os outros que... aqui na região se fala muito em empurrá umas “galhadinhas”, sabe, que o mato vai entrando prá lavoura, daí tu vai lá e só dá uma encostada, não chega a cortar nada, nem derrubá... e já aconteceu de... de... serem punidos com multas altas, né? Que seria (silêncio) bem o caso. Já outros derrubam árvores e mato e não acontece nada. Na verdade a fiscalização é por denúncia... não tem ninguém fiscalizando... então... vê que o meu vizinho tá derrubando, daí ir lá denunciá daí eles vem, só por denúncia vem. (Entrevistado 2)

Nesta mesma linha de pensamento, foi perguntado aos participantes do questionário se vivenciam uma prática de dano ambiental. A maioria (47) declarou sentir vontade de orientar o produtor rural, mas 20 deles não teve nenhuma reação; 15 respondentes sentiram vontade de denuncia, 3 sentiram vontade em parar a ação e um sentiu vontade de “xingar”. Esses jovens, embora manifestando descontentamento diante das práticas, declaram não reagir e manterem-se passivos diante da realidade. Algumas das expressões utilizadas pelos respondentes são: “não faço nada, pois a prática

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XX Jornada de Pesquisa

é consolidada entre os produtores”; “descontentamento, pois os agricultores sabem dos danos dessas práticas”; “minhas opiniões não são consideradas, por isso não reajo”; “fico irritado, mas não reajo”.

Por que as pessoas não reagem ao se defrontarem com atitudes negativas relacionadas ao meio ambiente? Os motivos são diversos, com prevalência do medo de discriminação (16), por acreditar que as práticas são necessárias para a produção de alimentos (15), pelo sentimento de impotência (11), pela falta de conhecimento (8), pelo medo de represálias (6), pela vergonha (5) e pela amizade (2). As respostas são apresentadas carregadas de sentimentos, seja de impotência diante da realidade orientada pela lógica capitalista, pelo uso intensivo de maquinário agrícolas, de sementes híbridas e transgênicas, de agrotóxicos, herbicidas ou pesticidas, seja pelo reconhecimento de que possui pouca experiência de vida.

Na pesquisa também revelou-se tal impotência quando os entrevistados admitem a dificuldade em entender os programas e leis ambientais propostos pelo governo, como por exemplo nesta fala do Entrevistado 2:

porque o pequeno agricultor ele não entende isso, ele não sabe, hãa... é uma lei muito abrangente, muito complicada eu acho (silêncio). Tu não tem acesso... tu tem acesso a ela, mas tu não vai entender ela, os termos que se usa lá é muito complicado, se o agricultor pegá e lê, não vai entender... (Entrevistado 2)

No Entrevistado 1 também percebe-se pouco conhecimento sobre o assunto. Nas suas palavras:

Prá nós é ruim [falar sobre isso] porque tem... Como eu falei... é tudo pedaço pequeno [de terra]. Tem beira de banhado, como aí ó! Beira de banhado, várzea.. Isso aí quanto não vai podéee [usar para plantio]. [O produtor rural] não vai consegui plantá... Tem muita gente aí que tem 15/20 hectares de terra, 10 é potrero, tudo em bera de mato, banhado e coisa. Numm... vai ser inviável... É... pra baxo é banhado, mas é plantado uns pedaço, né! Daí isso aí depois... (silêncio)... então eu acho que... (pensa antes) pra nós é ruim, assim como eu falei, pro norte lá é... devia exigir, mas não aqui que já tá aberto, já tá feito, acho que tem que continuar assim.

Os silêncios do entrevistado revelam a incerteza diante da imposição da lei. Como articular a produção e a proteção ambiental num pequeno pedaço de terra? O medo está presente na fala, pois proteger os recursos naturais (beira de rio, banhado) significa empobrecimento, ou seja, menos recursos financeiros para sustentar a família, que depende da produção e da produtividade da terra. Assim, retoma-se a Tedesco e Vieira (2006, p. 19), sobre os dilemas da realidade do campo, entre o velho e o novo: “o novo não se constrói necessariamente anulando por completo tudo do velho, ou, então, deixando de lado e inutilizando formas de sociabilidades de décadas precedentes”. Na presente pesquisa, a percepção dos discentes também se apresenta num dilema entre o velho e o novo, entre o que o professor ensina em aula e entre o que o pai e outros produtores rurais praticam no cotidiano da lavoura. O dilema também se apresenta entre a sustentabilidade financeira da propriedade rural, da manutenção da família, da vida no campo e a garantia do alimento saudável, do medo de represálias, da possibilidade de ruptura das relações sociais. Se, por um lado, o mundo contemporâneo clama por segurança alimentar e preservação ambiental, por outro lado, as normativas legais determinam contornos às práticas de gestão ambiental. Enquanto isso, recursos

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XX Jornada de Pesquisa

naturais se escasseiam tanto quanto os recursos financeiros. É a ordem do progresso impondo limites à ação, por vezes distanciando-se da justiça social.

## Conclusões

Ao reconhecer o ambiente como complexidade do mundo e não apenas na perspectiva ecológica (LEFF, 2001), encontra-se a subjetividade do humano orientando as práticas positivas e negativas no trato dos recursos ofertados pela natureza. Não há dúvidas de que há uma lógica orientando as práticas dos produtores rurais, sejam eles os próprios ou seus filhos, mas a lógica da natureza é suplantada diante da lógica capitalista, mercantilista e também do individualismo presente no mundo moderno.

Tais resultados evidenciam que o processo cognitivo da relação sujeito versus natureza em torno da consciência ambiental deve ser conduzido como um estudo epistemológico. No entanto, os fundamentos sociológicos não podem ser ignorados, nem o contexto no processo analítico.

A consciência ambiental tem se apresentado, entres os estudantes pesquisados, como um elemento determinante de pertencer ou não pertencer a dado grupo social, a dos produtores rurais. Esse resultado indica que os estudos sobre o tema obrigatoriamente precisam contemplar a dimensão sociológica da prática no meio rural e não da técnica sobre o manejo dos recursos da natureza. Ensinar aos jovens como preservar os recursos naturais não é suficiente para que velhas práticas sejam excluídas, mas ensiná-los a como dizer/mostrar aos pais e vizinhos as consequências dos seus atos no manejo dos recursos naturais poderá ser mais efetivo para que não se tenha dicotomia entre o discurso e a prática, para haja consciência ambiental.

Nesse sentido, o entendimento de Foladori (2001), sobre a relação e as formas possíveis de compreensão do relacionamento do ser humano com o meio ambiente não é entender a “análise ecológica para abranger a sociedade humana, mas entender como cada forma de organização econômica da sociedade humana explica um determinado tipo de relacionamento ecológico”. É por meio dessa relação harmoniosa entre ser humano e natureza que a sociedade poderá se desenvolver de forma equilibrada e sustentável.

**Palavras-chave:** Consciência ambiental; Capacidade crítica; Propriedades rurais.

## Referências Bibliográficas

- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2009.
- CHEVARRIA, D. G.; GOMES, F. C. R. Relação entre observador e a realidade nos paradigmas positivista, interpretativista e complexo: e aí juiz, foi ou não foi pênalti? In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO, 3, 2013, Florianópolis. Anais do... Florianópolis: Núcleo ORD, 2013.
- DJOUNDOURIAN, S. The role of development in promoting environmental awareness: evidence from Lebanon. In: ANNUAL MEETING OF THE MIDDLE EAST ECONOMIC ASSOCIATION, 27, 2007, Chicago. Proceedings of the Middle East Economic Association, Chicago, 2007.

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XX Jornada de Pesquisa

- FAGANELLO, C. R.; FOLEGATTI, M.V.; GONÇALVES, R. A. B.; MEIRA, A. M. de. Fundamentos de educação ambiental e efetivação do princípio da participação na microbacia do Ribeirão dos Marins – Piracicaba/SP, como ferramentas orientadoras do uso racional da água. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v. 16, p. 47-58, jan./jun. 2006.
- FOLADORI, G. O capitalismo e a crise ambiental. Revista Outubro, Edição 05, artigo 08, p. 117-125, 2001.
- FREITAS, A. L. P.; ALMEIDA, G. M. M. Avaliação do nível de consciência ambiental em meios de hospedagem: uma abordagem exploratória. Sociedade & Natureza, v. 22, n. 2, p. 405-417, 2010.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1989.
- INPEV. Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias. Disponível em: <<http://www.inpev.org.br>> . Acesso em: 10 nov, 2014.
- LEFF, E. Epistemologia ambiental. São Paulo: Cortez, 2001.
- LIMA, V. A. A. Ecologia e juízo moral: vozes de líderes ambientais em Rondônia. Psicologia Ciência e Profissão, v. 30, n. 3, p. 464-477, 2010.
- MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 1994.
- NEUMANN, P. S.; LOCH, C. Legislação ambiental, desenvolvimento rural e práticas agrícolas. Santa Maria: Ciência Rural, v. 32, n. 2, abr. 2002.
- PACHECO, M. I. M.; CARRILLO, L. C. La educación ambiental rural desde las escuelas básicas y por estas. Educare, v. 7, n. 2, mai/ago. 2013.
- PEREIRA, A. M.; LIMA, D. A. L. L.; REYDON, B. P. As políticas de comando e controle são a melhor alternativa para o conhecimento tradicional? In: ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA ECOLÓGICA, 7, 2007. Anais do... Fortaleza: EcoEco, 2007. Disponível em: [http://www.ecoeco.org.br/conteudo/publicacoes/encontros/vii\\_en/ mesa2/trabalhos/as\\_politicas\\_de\\_comando\\_e\\_controle.pdf](http://www.ecoeco.org.br/conteudo/publicacoes/encontros/vii_en/ mesa2/trabalhos/as_politicas_de_comando_e_controle.pdf) >. Acesso em 08 jan. 2015.
- SACHS, I. Ecodesarrollo: desarrollo sin destrucción. México: Colegio de México, 1982.
- SOARES, B. E. C.; NAVARRO, M. A.; FERREIRA, A. P. Desenvolvimento sustentado e consciência ambiental: natureza, sociedade e racionalidade. Revista Ciência & Cognição, v. 2, p. 42-49, 2004.
- TRIGUEIRO, A. Introdução. In: TRIGUEIRO, A. (Org.). Meio ambiente no século 21. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XX Jornada de Pesquisa

**Tabela 1 – Conceito de consciência ambiental na interpretação dos participantes.**

Palavras-chave do conceito construído	Quantidade de vezes mencionada	%
Preservação ambiental	28	26,92
Sustentabilidade	06	5,77
Produzir sem afetar e/ou diminuir danos ao meio ambiente	27	25,97
Conceito ligado a valores, bom senso	22	21,15
Não danificar o meio ambiente	06	5,76
Obediência a Lei	03	2,89
Produziram conceito equivocado ao tema	08	7,70
Alegam não compreender do assunto	04	3,84
<b>TOTAL</b>	<b>104</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 1

**Tabela 2 – Práticas realizadas pelos produtores rurais e que geram danos ambientais.**

Práticas dos produtores rurais	Quantidade de vezes mencionada	%
Aplicação inadequada/excessiva de agrotóxicos	45	26,94
Desmatamento	30	17,96
Descarte inadequado de embalagens de agrotóxicos	30	17,96
Manejo inadequado do solo	18	10,77
Polluição da água	14	8,38
Queimadas	13	7,78
Destinação inadequada de dejetos de aves ou suínos	6	3,59
Drenagem de banhados	6	3,59
Aplicação de produtos químicos não autorizados	4	2,40
Descarte de lixo no meio ambiente	1	0,63
<b>TOTAL</b>	<b>167</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 2